

A CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA NO ROMANCE “PONCIÁ VICÊNCIO”: dor, opressão e violência

Elen Karla Sousa da Silva *
Sebastião Marques Cardoso **

RESUMO: Este artigo constitui uma leitura do romance *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, objetivando analisar como se configura a temática da violência – física e/ou simbólica – na protagonista. A obra é apresentada através de uma narrativa memorialística, com enfoque na personagem Ponciá Vicêncio, que intitula o romance, ex-habitante das terras do Senhor Vicêncio. A narrativa expõe as experiências adquiridas pela protagonista, além dos tipos de violências dos quais é vítima, e as diversas perdas que a protagonista sofre ao longo de sua trajetória: perdeu seu pai, avô, sua mãe e irmão desapareceram; gerou e perdeu os sete filhos; perdeu a fé na vida; perdeu-se em suas fantasias. Conceição Evaristo perfaz a vida de Ponciá em suas inúmeras e infelizes situações. Nessa perspectiva, faremos a análise do romance, considerando as seguintes questões: gênero, violência, opressão e raça.

Palavras-chave: Estudos de Gênero. Violência. Ponciá Vicêncio. Conceição Evaristo.

ABSTRACT: This article is a reading of the novel *Poncia Vicencio* (2003), Conceição Evaristo, aiming to analyze how to set up the theme of violence - physical and / or symbolic - the protagonist. The work is presented through a narrative memoirs, focusing on character Poncia Vicencio, which entitles the romance, former inhabitant of the land the Lord Vicencio. The narrative exposes the experiences gained by the protagonist, and the types of violence of which the victim is and the various losses that the protagonist suffers throughout his career: he lost his father, grandfather, her mother and brother disappeared; generated and lost seven children; He lost faith in life; He lost in your fantasies. Conceição Evaristo adds up Ponciá of life in its numerous and unfortunate situations. In this perspective, we will do the analysis of the novel, considering the following issues: gender, violence, oppression and race.

Keywords: Gender Studies. Violence. Poncia Vicencio. Conceição Evaristo.

INTRODUÇÃO

* Aluna no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Pau dos Ferros –Rio Grande do Norte. Email: elenuema@gmail.com

** Doutor em Teoria e História Literária pela UNICAMP. Professor de Teoria Literária do Departamento de Letras Estrangeiras e do. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte –UERN. Pau dos Ferros –Rio Grande do Norte. Email: sebastiaomarques@uol.com.br

Natural de Belo Horizonte, Conceição Evaristo nasceu em 1946 em uma favela no alto da avenida Afonso Pena. Fez formação em magistério, no antigo curso Normal (1971), e em seguida foi para o Rio de Janeiro, onde foi aprovada em um concurso municipal para professor. Posterior a isso, lecionou no curso de Letras, na Universidade Federal daquele Estado.

A autora ingressa no curso de Mestrado em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), na década de 1990, e defendeu uma dissertação intitulada “Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”. Publica poemas e contos na compilação “*Cadernos Negros*”, desde 1990, sendo convidada para palestras e congressos em todo o Brasil e no exterior, as quais abordam questões de gênero e etnia, na literatura brasileira. Tornou-se representante de uma literatura engajada, de resistência.

A trajetória da autora na literatura se inicia em 1990, com a publicação de poemas nos *Cadernos Negros*, cujas temáticas da discriminação racial, de gênero e de classe são recorrentes nessa e em outras produções, como por exemplo, nos romances *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2006). Em versos, Conceição Evaristo publicou *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008) e também a coletânea de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) e *Olhos D’água*, publicada em 2014.

A escritora negra, Conceição Evaristo, busca retratar a condição feminina negra na sociedade, de forma realista. A descrição feminina obedece ao real contexto de violência contra a mulher, exclusão social e racial, pois mostra que mesmo inserida em um grupo no qual é contestado pela cor da pele, a mulher negra tende a ser oprimida. Este tipo de texto literário, que retrata a condição feminina negra, vem ganhando espaço na Literatura brasileira, pois reivindica e marca a consciência crítica daqueles que se opõem à opressão.

Na obra *Ponciá Vicêncio*, a autora expõe alguns problemas enfrentados pela mulher negra e pobre, que decide procurar no ambiente urbano uma posição de vida melhor e, para isso, se distancia da zona rural, como a protagonista que intitula o romance em estudo. Conforme Marcos Antônio Alexandre (2007), a produção de Conceição Evaristo coloca em cena uma abordagem literária da figura feminina negra ao tratar dos problemas diários das mulheres negras, para tanto, relaciona sua literatura às raízes

étnicas. A mesma, em sua infância, fazia uso da escrita como forma de fuga e evidenciamos isso no seguinte trecho:

Essa inserção para mim pedia a escrita. E se inconscientemente desde pequena nas redações escolares, eu inventava um outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de auto afirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra (EVARISTO, 2007, p. 20).

Desta forma, a autora ocupa uma atitude de compromisso, pois reconstrói o papel feminino, especificamente o da mulher negra, para um caminho de resistência. Nessa perspectiva, faremos a análise do romance levando-se consideração as seguintes questões: gênero, violência, opressão e raça.

A CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA NO ROMANCE “PONCIÁ VICÊNCIO”

Nas variadas histórias apresentadas no romance, a violência contra a mulher negra é ressaltada e inserida em um empenho pessoal da autora, Conceição Evaristo. A narrativa se constrói com fatos isolados, que logo aglomeram com uma única intenção: expor a dor, a violência e a opressão.

Algumas dessas histórias retomam no enredo as memórias que causam dor, as quais destacamos: além de assassinar a esposa, o avô tenta o suicídio (em vão) e acaba por se mutilar ao saber que seus quatro filhos teriam sido vendidos, mesmo com a Lei do ventre Livre em vigor; outros fatos que destacamos é o uso do pai de Ponciá como “cavalo” e a ação de apanhar a urina do herdeiro do patrão, pois o filho do senhor das terras julgava que o negro não tinha valor. O pai de Ponciá foi “pajem do sinhô-moço, escravo do sinhô-moço, tudo do sinhô-moço, nada do sinhô-moço” (EVARISTO, 2003, p. 18).

Descendente de africanos que foram trazidos para serem dominados, Ponciá vivia com os pais e o irmão nas propriedades dos ancestrais do senhor coronel Vicêncio, as quais foram doadas aos negros libertos, com a exigência da continuidade do trabalho escravo nas terras. Durante o novo modo escravista a “[...] cana, o café, toda a lavoura, o

gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida” (EVARISTO, 2003, p. 82).

Ponciá Vicêncio vivia na zona rural em condição de pobreza, mas busca melhores condições de vida, que se diferenciem daquelas vivenciadas por seus ancestrais, ao mudar-se para zona urbana quando alcança a fase adulta. Essa narrativa ao expor o enredo faz uso do flashback, pois apresenta o que ocorre no psicológico da personagem. Dessa forma, resgata o passado como uma maneira de sanar os traumas e as dores causados pelas relações sociais e as perdas familiares.

A personagem tinha esperança e buscava na cidade dias melhores, embora no início tenha encontrado muitas dificuldades:

O inspirado coração de Ponciá ditava futuros sucessos para a vida da moça. A crença era o único bem que ela havia trazido para enfrentar uma viagem que durou três dias e três noites. Apesar do desconforto, da fome, da broa de fubá que acabara ainda no primeiro dia, do café ralo guardado na garrafinha, dos pedaços de rapadura que apenas lambia, sem ao menos chupar, para que eles durassem até ao final do trajeto, ela trazia a esperança como bilhete de passagem. Haveria, sim, de traçar o seu destino (EVARISTO, 2003, p. 35).

Sabe-se que Ponciá saiu de casa à procura de um emprego. Assim, embora tenha vivido dias difíceis, consegue um trabalho. Sua nova condição na cidade proporciona uma nova perspectiva para a protagonista, “estava de coração leve, achava que a vida tinha uma saída. Trabalharia, juntaria dinheiro, compraria uma casinha e voltaria para buscar sua mãe e seu irmão. A vida lhe parecia possível e fácil” (EVARISTO, 2003, p. 42). Estando livre, sentiu-se livre para se apaixonar.

A protagonista se apaixonou por um homem que trabalhava em uma construção civil ao lado de seu emprego. Ambos solitários, resolveram juntar os poucos pertences e morar em um casebre no morro. A princípio, antes do casamento, ele analisou que Ponciá era mulher “ativa”, bela e “gostava de cantar”. “Tinha uma voz de ninar criança e de deixar homem feliz”. Porém, o homem observou uma animosidade em Ponciá, apesar de gostar da “tenacidade dela, de seu olhar adiante” (EVARISTO, 2003, p. 65).

Ponciá vai para uma favela, em companhia do marido, que a trata mal. Em virtude de ser descendente de escravos, possui uma vida difícil e as dificuldades se intensificam em inúmeros abarrotados de hostilidade. A trajetória dela na zona rural e urbana transmite

condição de diáspora, um subterfúgio do real que, ao contrário de adequar a uma melhor situação, só reforça a angústia e a dor que envolvem a esposa e o marido.

A vida fluía tranquilamente mesmo com as adversidades, pois Ponciá conseguiu aprender algumas letras com padres que estiveram no povoado durante algum tempo. Com o falecimento de seu pai, ela percebe a incapacidade e o esforço sem êxito da labuta quase escrava de crianças, mulheres e homens, nos plantios dos coronéis que enriqueciam a cada dia. Por conseguinte, decide ir à cidade, crendo que “poderia traçar outros caminhos, inventar uma nova vida” (EVARISTO, 2003, p. 24).

O marido enxergava na esposa alguém “mais forte do que ele. Era de uma pessoa assim que ele precisava”, afinal, ele estava só e “não conseguia nem sonhar” (p. 65). Durante o namoro, ele percebeu que em algumas ocasiões “era como se o espírito dela, “Ponciá”, fugisse e ficasse só o corpo” (EVARISTO, 2003, p. 65).

No decorrer da narrativa é visível que o marido se mantinha em silêncio e falava apenas o essencial, e isso fazia Ponciá recordar do silêncio do irmão e do pai no período da roça. Ainda percebemos que a protagonista se entrega ao isolamento e ao vazio interior, além de apresentar um comportamento alheio em relação ao marido. A ausência, a separação dos seus familiares e aprisionamento no barraco colaboraram para que ela se recolhesse em suas lembranças e pensamentos.

A história da protagonista se assemelha a de inúmeras mulheres com seus desencantos, sonhos, conflitos e dramas, sobretudo aquele que se refere a cumprir um destino que é esperado por uma parte do grupo feminino: ser mãe e permitir que o companheiro cumpra o papel de pai.

A cada gravidez sem sucesso, ele bebia por longo tempo e evitava contato com ela. Depois voltava, dizendo que iria fazer outro filho e que aquele haveria de nascer, crescer e virar homem. Ponciá já andava meio desolada. Abria as pernas, abdicando do prazer e desesperançada de ver se salvar o filho (EVARISTO, 2003, p. 53).

Com base no conflito gerado a partir desse papel não cumprido, percebemos que Ponciá é agredida simbolicamente. Para Bourdieu, “[...] ao entender ‘simbólico’ como oposto de real, de efetivo, a suposição é de que a violência simbólica seria uma violência meramente ‘espiritual’ e, indiscutivelmente, sem efeitos reais” (BOURDIEU, 2010, p. 46). Além disso, outras questões geram esse tipo de violência na narrativa analisada,

como por exemplo, as questões internas ao lar (as tarefas de casa que não são realizadas com perfeição, o distanciamento entre marido e mulher) e as exigências sociais representadas através dos vizinhos que criticam, cobram e ficam intrigados com as ações da personagem.

No período colonial, o ponto de vista da esterilidade/maternidade é relacionada ao corpo. Ao relacionarmos isso a figura feminina, nessa perspectiva, ela deixa de cumprir seu papel social em virtude de uma infertilidade/inutilidade, pois o corpo que não procria, não serve à sociedade a qual pertence; já que não procria, não reproduz e não dá seguimento a sua espécie é encarada como demoníaca e doente.

A respeito da mulher estéril, Del Priore afirma que:

A necessidade mística de progenitura atingia em cheio as mulheres. Comparadas a terras estéreis, humilhadas pelos companheiros e pela comunidade, associadas a mulas – animais que estéreis geneticamente eram conduzidas pelos padres, estes estéreis (pelo menos teoricamente) por vocação –, a esterilidade feminina era vivida como uma tara ou um contrassenso. Ao inverter o ciclo das gerações, interrompendo as linhagens, contrariando os ciclos agrícolas e a natureza, à qual seu ciclo vital deveria comparar-se, a mulher estéril deveria ter seu corpo “entupido”, fechado e prisioneiro de forças estranhas (DEL PRIORE, 2009, p. 147).

A humilhação apresentada por Del Priore é sofrida pela personagem, já que a mesma gera sete filhos, entretanto, nenhum sobrevive. Há uma simbologia impressa ao número sete, pois esse representa a perfeição, o divino e o misticismo, de acordo com a numerologia clássica. Já em algumas culturas, o número representa um ciclo concluído, fertilidade, renovação. No entanto, não vemos isso na narrativa, o ciclo da maternidade vivenciado pela protagonista é atravancado, a simbologia possui um efeito contrário, regendo a vida da personagem, pois os sete filhos que a protagonista gera não sobrevivem, e esses abortos fazem com que o cônjuge de Ponciá a enxergue como um ser inábil. Essa inabilidade acaba por representar o status feminino da mulher naquele contexto, e a personagem tem a consciência desse valor inferior, pois na fase da infância pensou que poderia virar homem ao passar embaixo de um arco-íris.

A partir do casamento de Ponciá percebemos que o valor feminino ainda é inferiorizado, pois a mesma é vítima (resistente e paciente) de violência e humilhação. Ela não revidava a agressão, mas resistia ao silenciar; não enfrentava o marido, todavia, atirava-lhe um olhar acusatório e reprovador, de condenação, ao marido.

Na fase adulta, o desejo de subverter seu *status* de mulher ressurgiu após sofrer agressão do marido:

Deu-lhe um soco violento nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela lhe devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou-se, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele (EVARISTO, 2003, p. 17).

Em relação a isso, podemos situar que historicamente as mulheres foram penalizadas por sua sexualidade. Podemos relacionar essa violência feminina a outros contextos sociais, como por exemplo, na China (séc. XX), a condição de sujeição era aterrorizante, pois para não fugirem amarravam-lhes os pés; Já na África, em algumas tribos, as mulheres tem a vagina costurada e o clitóris mutilado; Na Islândia, as mulheres cobrem seus rostos com um véu; Na Índia, são vendidas; E algumas foram imoladas pela inquisição no Cristianismo.

Compreendemos que a história feminina é acompanhada por repressão, tornando-se uma constante. A mulher existia somente para atender aos desejos masculinos e exercer o papel de reprodutora humana. Além de ser vista na organização social como “o outro” masculino e desempenhar as funções de cuidar do lar, viver para o marido, para os filhos e a família. Isso ocasiona sua inserção em segundo plano, não expressando seus anseios e desejos:

A mulher sempre foi para o homem ‘o outro’, seu contrário e complemento. Se uma parte do nosso ser deseja fundir-se nela, outra, não menos imperiosamente, a separa e exclui. A mulher é um objeto, alternadamente precioso e nocivo, mas sempre diferente. Ao transformá-la em objeto, em ser aparte e ao submetê-la a todas as deformações que seu interesse, sua vaidade, sua angústia e até mesmo seu amor lhe ditam, o homem transforma-a em instrumento. Meio para obter o conhecimento e o prazer, via para atingir a sobrevivência, a mulher e o ídolo, deusa, mãe, feiticeira ou musa, conforme aponta Simone de Beauvoir, mas nunca pode ser ela mesma (PAZ, 1992, p. 177-178).

No que diz respeito à mulher negra, a circunstância é ainda mais delicada em decorrência das questões de etnia e gênero. Essa condição gera um esforço de inferiorização na identidade cultural feminina, bloqueando, na maioria das vezes, uma

atitude contra a violência ou a discriminação sofrida. A historiadora Giacomini argumenta o seguinte:

Como não pensar na mulher negra assalariada, na condição de empregada doméstica, ao se discutir que ao escravo era recusada a possibilidade de uma vida privada? Como não pensar na babá negra atual, que cuida dos filhos da mulher branca burguesa ou pequeno-burguesa, enquanto os seus filhos ou não existem ou andam soltos, correndo pelos morros e ruas de nossas cidades? A escravidão não existe mais, no entanto, a presença de suas heranças no íntimo das relações burguesas e capitalistas que tem as classes dominantes, de todos os momentos históricos, de associar, até onde for possível, as regalias que lhes são próprios os privilégios de grupos dominantes anteriores (GIACOMINI, 2012, p. 98).

Em decorrência disso, percebemos que não há valor algum atribuído à mulher, pelo contrário, ela é vista como ser subalterno. Em relação a isso, Spivak (2010, p. 121-126) salienta que o subalterno não pode falar, logo, a mulher (subalterna) afro-brasileira é isenta de fala, o lhe permitiria se sobressair socialmente.

No entanto, o marginalizado ao fazer uso da palavra pode acabar o inconformismo, revelar o que não se vê e proporcionar uma reflexão sobre a condição do subalterno, de acordo com o que percebemos no seguinte trecho: “O grito do homem reclamando da lerdeza de Ponciá fez com que, mais uma vez, ela interrompesse as lembranças. Irritou-se, mas não disse nada. Engoliu a raiva em seco, junto com o silêncio” (EVARISTO, 2007, p. 21). O silêncio feminino é, nesse sentido, extremamente significativo para dar suporte a discussões a respeito da condição de dominação e poder.

Oficialmente, a história apresenta a mulher negra não como sujeito, mas como objeto servil para atender aos desejos do Outro. Conforme Bell Hooks (1995), a sociedade:

[...] elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade [...] o sexismo e o racismo, atuando juntos, perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está nesse planeta principalmente para servir aos outros (HOOKS, 1995, p. 468).

Os negros eram vistos como “coisa”, objeto de posse, e em relação às mulheres, a submissão aos senhores era enorme, visto que recai sobre elas o estigma de “objeto sexual”. Para Giacomini, “a possibilidade da utilização dos escravos como objeto sexual

só se concretiza para a escrava porque recaem sobre ela, enquanto mulher, as determinações patriarcais da sociedade, que determinam e legitimam a dominação do homem sobre a mulher” (GIACOMINI, 2012, p. 65).

O marido, com a distração/ausência de Ponciá e sem compreender o que acontecia, já que a esposa estava descuidada (com as roupas aglomeradas no quarto, com a casa) e na ausência de diálogo, conversas, argumentos, recorria à agressão com a intenção de irromper o silêncio, passando a maltratá-la e agredi-la. A violência física era a estratégia utilizada pelo marido para enfrentar a circunstância que o deixava impaciente, uma vez que ele encontrava-se “cansado” de perceber a “mulher tão alheia”. Desse modo:

Teve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela lhe devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou-se, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele (EVARISTO, 2003, p. 17).

Ponciá não enxergava uma perspectiva positiva de futuro e, inicialmente, tinha receio do vazio que sentia. No entanto, “gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia de seu próprio eu” (EVARISTO, 2003, p. 44). Se Ponciá vivia triste, não queria engravidar, gerar um filho e colocá-lo no mundo pô-lo no mundo para padecer com os pesares da vida. Por conseguinte, o marido depressa readquiriria o entusiasmo e “voltava, dizendo que iria fazer outro filho e que aquele haveria de nascer, crescer e virar homem” (EVARISTO, 2003, p. 52). Não percebendo se Ponciá partilhava do mesmo anseio de ter filho, o marido deseja cada vez mais que ela engravidasse, para dar continuidade de si. Todavia, o marido percebeu que a mulher estava ficando desorientada, entendeu que as falhas, carências, ausências eram mais contínuas, ficando frequentemente “fora de si” (EVARISTO, 2003, p. 124).

Com base nessas ausências, a barbaridade do marido se acentuava a cada dia, mas a bebida estimulava sua agressividade, pois possuía “a natureza fraca”. Apresentava constantemente irritação com relação a Ponciá, “por qualquer coisa lhe enchia de socos e pontapés. Vivia a repetir que ela estava ficando louca” (EVARISTO, 2003, p. 54).

No artigo “A representação do feminino como política de resistência”, de Liane Schneider, a pesquisadora debate a forma como a mulher tenta “fugir” de um princípio patriarcal proposto a partir de suas enfermidades mentais assinaladas como loucura: “um

comportamento ‘desequilibrado’ por parte da mulher pode indicar sua revolta ou resistência em relação às forças de poder derivadas de um sistema de gênero que a oprime” (SCHNEIDER, 2000, p.123).

Ponciá, além de padecer com as violências físicas, suportava as agressões verbais. Certo dia, o marido chegou a casa fatigado, depois de beber pinga, encontrou-a “parada, alheia, morta-viva, longe de tudo, precisou fazê-la doer também, e começou a agredi-la. Batia-lhe, chutava-a, puxava-lhe os cabelos. Ela não tinha um gesto de defesa” (EVARISTO, 2003, p. 98). A dor vivida por Ponciá era física e moral, apesar de ser incomodo viver com o marido, faltava-lhe coragem para sair dessa situação de martírio. A protagonista apresentava-se apática, imóvel, apenas recordava o passado.

Anteriormente direcionava a visão para o presente, entretanto, após pancadas certas de agressões causadas pelo marido, Ponciá se lançou em um ambiente diferente de “outras vivências” e passou a interrogar-se “quem era ela?” (EVARISTO, 2003, p. 92), uma vez que desconhecía. Quando menina, Ponciá “gostava de ser ela própria” (EVARISTO, 2003, p. 9). Posteriormente, adulta, deseja se tornar homem, visto que durante a infância sua identidade ainda não estava em conflito. Assente ao instante em que Ponciá se aceita como mulher, “pressupõe-se a escolha de um projeto de identidade a ser assumido e autodefinido”; porém, Ponciá almejou se tornar “homem”. (EVARISTO, 2003, p. 17).

Conforme Butler (2003), de tal maneira para Beauvoir (1980), quanto para Monique Wittig, “a identificação das mulheres com o “sexo” é uma fusão da categoria das mulheres com as características ostensivamente sexualizadas dos seus corpos e, portanto, uma recusa a conceder liberdade e autonomia às mulheres, tal como as pretensamente desfrutadas pelos homens” (2003, p. 41). Deveras, Ponciá tinha consciência que sua condição de esposa e mulher se ligava à dominação do sexo, do discurso hegemônico e falocêntrico, culpado não somente por seu silenciamento, sobretudo, o de inúmeras mulheres.

A violência supera o plano simbólico e se estabelece na qualidade de violência física, como uma das situações mais dolorosas da narrativa, que é a ação agressiva contra Ponciá, em que o marido direciona sua raiva e frustração da vida sobre o seu corpo:

Um dia ele chegou cansado, a garganta ardendo por um gole de pinga e sem

um centavo para realizar tão pouco desejo. Quando viu Ponciá parada, alheia, morta-viva, longe de tudo, precisou fazê-la doer também e começou a agredi-la. Batia-lhe, chutava-a, puxava-lhe os cabelos. Ela não tinha um gesto de defesa (EVARISTO, 2003, p. 96).

A violência emocional e física vivida por Ponciá denuncia a inépcia do marido de solucionar uma situação visivelmente intolerável. Ela cessa “os pensamentos-lembranças”, posteriormente ao soco efetuado pelo marido, vagarosamente prepara o alimento. Ponciá se encontra novamente “desgostosa da vida”, já que “o que ela estava fazendo ao lado daquele homem? Nem prazer os dois tinham mais” (EVARISTO, 2003, p. 21).

De outro modo, a protagonista “engoliu a raiva em seco junto com o silêncio” (EVARISTO, 2003), ainda que não expressasse nenhum sentimento de aflição ou fúria. Em contrapartida, o marido arrependido e carinhoso limpou os ferimentos do “rosto da mulher”, mesmo diante da ausência de reação de Ponciá:

Quando o homem viu sangue a escorrer-lhe pela boca e pelas narinas, pensou em matá-la, mas caiu em si, assustado. Foi ao pote, buscou uma caneca d'água e limpou arrependido e carinhoso o rosto da mulher [...]. E desde esse dia, em que o homem lhe batera violentamente, ela se tornou quase muda. Falava somente por gesto e pelo olhar. E cada vez mais ela se ausentava (EVARISTO, 2003, p. 98-99).

O marido de Ponciá até então não possuía consciência dos problemas psicológicos da mulher, mas começou a perceber o distanciamento, a solidão e o isolamento da esposa, e “a sua própria”. Por outro lado, “o homem viu na mulher o seu semelhante e tomou-se de uma ternura intensa por ela” (EVARISTO, 2003, p. 111), a partir daí, entendendo-a. Assim, o marido, ainda que com seu obscurantismo, compreendeu a angústia da esposa ou a condição depressiva, que “devia estar com algum encosto” (EVARISTO, 2003, p. 99). Viver era problemático para o homem e Ponciá, pois “cada um tinha os seus mistérios” (EVARISTO, 2003, p. 111).

A violência doméstica ocorre quando Ponciá renuncia à questão sexual, que não passava de um “corpo-pernas” e que “nem o prazer era repartido” (EVARISTO, 2003, p. 43), cabendo a si o silêncio. Percebe-se que Ponciá suportava conformada as ações do marido, pois tinha consciência que os dois estavam na mesma condição e sobreviviam sem dignidade:

O homem comia na cama, com a lata na mão. O alimento descia incorreto, torto, seco, provocando uma tosse entre uma colher e outra. Ela foi ao pote de barro e voltou com uma canequinha de lata cheia de água. O homem bebeu o líquido de um gole só. Abandonou a lata com um resto de comida no chão (EVARISTO, 2003, p. 22).

O homem de Ponciá, além de um agressor, aparentava ser apenas uma vítima de uma sociedade assustadoramente injusta. Ao longo da narrativa observa-se que Ponciá não atribui culpa ao marido, já que era tão vítima quanto ele do sistema econômico e social, expondo a miséria que vivenciavam. Representação esta que se desdobra não apenas aos dois negros, sobretudo, a vários negros e brancos desprovidos e maltratados, que vivem em periferias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo torna visível a condição da mulher pobre e negra, conforme o local destinado socialmente a ela, com a segurança e a sensibilidade de quem conhece o que escreve.

Ponciá ao chegar despreparada profissionalmente à cidade, ocupa vaga de doméstica. Fugia da pobreza em que nascera e crescera, e na cidade ambicionava ganhar bastante dinheiro, o necessário para buscar a família e lhe proporcionar condições melhores de vida. Embora Ponciá tenha conseguido comprar um barraco (cômodo) na favela e ter conhecido um marido, não difere do que ocorre com muitos na mesma condição dela: a estância à margem da sociedade.

Nota-se através das peregrinações, as ilusões e desencantos da protagonista, um enredo intricado e entrecortado a compor de maneira angustiante o passado e o presente, lembranças e fantasias, devaneios, nos deixando refletir sobre a dor e a agonia de uma raça assinalada pela violência e a opressão, sendo maltratada, desconhecendo sua identidade e acreditando em sua incapacidade/inferioridade.

Como vimos, o romance expõe as diversas perdas que a protagonista sofre ao longo de sua trajetória: perdeu seu pai, seu avô; sua mãe e seu irmão desapareceram; gerou e perdeu os sete filhos; perdeu a fé na vida; perdeu-se em suas fantasias. A narrativa perfaz a vida de Ponciá em suas inúmeras e infelizes situações. Dessa forma, o leitor se

curva ao sofrimento de uma existência cheia de dor, ao afirmar a solidão e as dores que a mulher negra enfrenta diariamente.

Por não realizar as tarefas de dona de casa e esposa, Ponciá é maltratada pelo marido e pela sociedade: física e simbolicamente. Resultando em um isolamento cada vez maior, o que faz a personagem buscar explicações sobre a sua existência, e na procura de entender a relação consigo e com os demais.

As denúncias que surgem na obra, como o trabalho em regime de semiescravidão, a exploração, a violência, o êxodo rural, a violência contra a mulher e o impasse à inclusão do negro no mundo intelectual ativo, constituíam a vivência de Ponciá. Ademais, uma sociedade que exclui, traça um rótulo da mulher negra ligada ao prazer, à pobreza, à sujeição e à inferioridade, que reunidos à cor da pele, conferem a elas o dobro de discriminação: por ser negra e mulher, induzindo a uma alteração da representação feminina negra como legado cultural de um passado histórico, capitalista, branco e opressor.

Ponciá é produto de uma construção social histórica que reflete uma dominação masculina. Poder de dominação que se sobrepõe aos desejos, ideologias e comportamentos. Tais composições de dominação “(...) são produto de um trabalho incessante e, como tal, histórico de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos, entre os quais o homem com suas armas, como a violência física e a violência simbólica, instituições, famílias, Igreja, escola e Estado” (BOURDIEU, 2010, p. 43).

Enfim, o leitor encontrará, por meio da narrativa, o anseio desta mulher em reconstruir sua vida. O sofrimento que não é somente dela e uma dor física e moral, não marcando no texto qual delas mais tortura a alma da protagonista.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 2.v.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidade no Brasil Colônia**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

_____. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antonio (org). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

HOOKS, B. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, 1995, p. 454-478.

PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SCHNEIDER, Liane. A representação do feminino como política de resistência. In: PETERSON, Michael & NEIS, Ignácio Antônio. **As armas do texto: A literatura e a resistência da literatura**. Porto alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000, p. 119-139.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: UFMG, 2010.